

ensaio visual

A close-up portrait of a drag queen with dark, wavy hair, heavy black eye makeup, and bright red lipstick. She is looking directly at the camera with a serious expression. She has a nose ring and is wearing a red, fringed garment around her neck. Her hands are visible at the bottom, adorned with rings and red nail polish.

AS MONSTRAS TOMAM AS RUAS

DRAG MONSTRAS E A POLÍTICA DE SER MONSTRA

MONSTERS TAKE THE STREETS – DRAG MONSTERS AND THE POLITICS OF BEING A MONSTER

PATRICK NASCIMENTO / MIA THE WITCH¹

1. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM - UFRGS). Publicitário e Relações Públicas pela UFRGS. Artista drag na cidade de Porto Alegre/RS, sob o nome artístico "Mia The Witch". E-mail: sutilpatrick@outlook.com.

Ser uma drag monstra é diferente de ser apenas uma drag queen. Trata-se não só de outra abordagem estética, mas de um lugar distinto pelo qual as artistas acessam o mundo e transformam signos em arte. Por sua vez, essa arte torna-se política quando as monstras monstrualizam – com perdão da redundância – seus corpos em busca de reivindicações sociais. Ser e estar incluída dentro de uma comunidade de drags monstras é uma forma de implementar atos políticos de resistência através da plataforma drag. Por outro lado, é bem verdade que não há nenhuma forma de fazer drag sem política. Ainda assim, as reivindicações que a montagem monstra produz através dos corpos dessas artistas são incomuns às outras formas de drag, justamente porque o que fazem é a política de ser monstra.



Eu sou uma artista drag há oito anos. Acabei adentrando ao universo das montarias focadas na monstrosidade por me identificar com essa abordagem. Eu sempre me enxerguei como um monstro, mesmo antes de me descobrir artista. Acredito que esse senso de monstrosidade que vem crescendo em minhas entranhas, conforme os anos passam, tem suas origens ainda na minha infância. Nunca fui um menino com interesses comuns aos outros: minhas escolhas mais inocentes sempre causaram espanto ou algum tipo de comoção negativa. Seja minha preferência por bonecas, o meu interesse por batons ou o fascínio pela cor rosa, percebi desde criança que eu era tratado à parte da normalidade. Minhas escolhas não eram tidas como naturais. Na adolescência, a monstrosidade tomou ainda mais forma. Fui adolescente no final dos anos 2000, década marcada pela rebeldia dos jovens emos. Meus gostos musicais variavam entre o punk, o rock e o metal. O encanto pelo rosa foi substituído pelos meus trajes sempre pretos; pelas correntes que eu carregava nas roupas; pelo cabelo imenso correndo aos olhos contornados por lápis escuros. Mais do que apenas um senso estético, eu entendia que eu vivia como *outsider* da sociedade; que havia em mim algo que quase negava a minha humanidade. Foi assim que cresci, entendendo-me tal como um monstro à margem das convenções estabelecidas para a normalidade. Aqui, cabe ressaltar que a construção dessa identidade também se deu a partir das imposições sociais que eu acabei sofrendo ao participar do convívio com o outro.



Nem sempre a identidade da monstrosidade foi fácil de ser vestida. Ela me causou dores por muitos anos. Quando se é uma pessoa-monstra vivendo numa sociedade de pessoas perfeitamente humanas, passa-se a receber olhares tortos em todos os lugares pelos quais se vá; a rejeição é um sentimento amargo que, com o tempo, passa-se a entender que será constante. Tentei arduamente me sentir pertencente a esse sistema de normalidades, mas fracassei. Como eu, uma pessoa não-binária, preta e afeminada poderia me adequar às normalidades de uma sociedade que impõe uma cisheteronormatividade como regra compulsória? Quando passei a entender que não haveria como me sentir incluso a essas convenções, tentei abraçar a minha monstrosidade de forma que ela não doesse mais. Ao contrário disso, atentei para que a monstra que vive sob minha pele fosse a razão pela qual eu me orgulhasse de ser quem e como eu sou.

No meio das artistas drag monstras, é comum ouvir relatos como esse. Numa dessas conversas desprezíveis, uma amiga-monstra me indagou: “já reparou que as monstras são sempre dissidentes de alguma normatividade social?”. Acredito que possam haver exceções, mas realmente trabalhando no ramo da monstruosidade há anos, nunca conheci alguém que contemplava as normatividades sociais e se sentisse uma monstra, mesmo assim. Parece sempre que somos as pessoas renegadas que, de algum modo, resistimos e passamos a utilizar essa plataforma artística para dizer que estamos aqui também, que existimos e somos importantes. Que as nossas histórias monstruosas também precisam ser contadas porque nossos corpos são igualmente merecedores de direitos.



Dessa forma, entendo que a política de ser monstra, a qual está intrínseca à montaria monstra, difere das reivindicações promovidas por outras artistas na plataforma drag. Nela, há particularidades que apenas quem vivenciou e/ou vivencia os julgamentos sociais da monstruosidade conseguem entender e, dessa forma, ressignificar a partir do ofício drag. Para mim, a política de ser monstra está diretamente atrelada a esse processo de passagem do posto de subalternidade que nos alocaram na sociedade para um local em que passamos a enaltecer a monstruosidade presente em nossos corpos. Transformar-se em um monstro através da utilização de materiais ilusórios, como papelão, próteses e tantas outras possibilidades de ferramentas criativas faz com que o monstro que habita dentro da drag ganhe forma e tome vida. Nesse sentido, entendo que o corpo do artista é meio fundamental dentro desse processo. É a partir da corporalidade – que sofre o procedimento de mutação a partir da arte – que o monstro é evocado ao exterior: mãos podem se tornar garras afiadas; a pele pode ganhar coloração para além da humanidade; feições do rosto podem assemelhar-se a ferocidade animal. Além disso, o corpo também passa a ser manuseado a partir de movimentos grotescos, descontrolados e vorazes. Todos esses recursos relativos ao corpo compõem a monstruosidade presente em artistas drag monstras que, dessa forma, estão comprometidas com a política de ser monstra e todas as demandas sociais implicadas à ela.

Entendendo que todas as formas do ato drag são movidas a partir dos campos político, cultural e comunicacional, acredito que as drags monstras tenham elaborado uma política específica ao grupo em que pertencem: a política de ser monstra. Ao nos depararmos às complexidades existentes nessas manifestações, observa-se que esse posicionamento carrega em sua *ethos* um grito por visibilidade e garantia de direitos àqueles que sofrem o processo de monstrualização a partir de uma sociedade com valores racistas, transfóbicos, misóginos, homofóbicos e capacitistas. A política de ser monstra pode ser encarada como uma forma de inclusão à diversidade, sem a necessidade de mascarar e polir as diferenças num processo de assimilação perante a assemelhação aos demais. O enaltecimento da monstruosidade dentro da plataforma drag sugere que sejam encarados quaisquer traços das diferenças sociais a partir da perspectiva da aprovação, do respeito e da garantia da equidade de direitos. Assim, as drag monstras se configuram em um grupo político, estabelecido a partir de ideais comuns e partilhando demandas sociais através do uso de sua arte, tomando não apenas as ruas como todos os demais espaços culturais, como forma ativa de fazer política.



DISPONIBILIDADE DE DADOS

Os autores confirmam que os dados que apoiam os resultados deste estudo estão disponíveis no artigo.

CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse.

EDITOR(A)(ES) RESPONSÁVEL(IS)

Marina Cavalcanti Tedesco

ASSISTENTE EDITORIAL

Vanessa Maria Rodrigues

DADOS EDITORIAIS

Publicado a convite da revista



Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença **Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CCBY)**.

Os autores retêm todos os direitos autorais, transferindo para a Revista *A Barca* o direito de realizar a publicação original e mantê-la sempre atualizada.